

A tristeza do Manéco

-Um sketch de Roberto Lis -

Ele - Rósinha fecha a janela
do meu rancho, pur favô.

Ele - Pois si ocê gósta e eu num gósto
o que é que vai se fazê?

Ela - Pruquê, Manéco? Bobage!
Vem vê só que paisage!
A lua tá uma beleza!
Parece a lanterna acêsa
no céu de Nosso Sinhô!...

Ela - Cumo num é de gostá?
Ela era tom camarada
quano eu era namorada
do Juca do Butiquim!
Quano nós tinha bucada
mal ele apontava a estrada
ela contava pra mim.
Dispois ficava cum nós
inquanto nós cunversava
e a jinela alumiaava
pra nós se vê mais mió.
Chego inté a aquerditá
que si pôde havê um vivente
que num goste do luá
esse vivente é ocê só.
O luá é uma beleza!
Veja só que clarideza!
É uma luz branca, tom fina
que vai inté o coração!

Ele - Mas eu le peço que feche
que é pra não me atrumentá.

Ela - Será pussivi, Manéco,
que ocê num góste do luá?
Num háy cõusa mais bunita
pur esse mundo sem fim!

Ele - Puis eu tenho réiva dela
e ela num gósta de mim.

Ela - (ri) Pruquê num é de gosta?
Ocê parece criança!
Que ocê num góste, vá lá...
mas num venha me contá
que ela num gósta de ocê.

Ele - Aperfiro a luz da insquina
que hay drento do lampião.

Ele - Num gósta, não. Que insperança!

Ela - Crédo, Manéco, que gosto!

Ela - Me diga entonce pruçê?

Ele - Si ela le désse um desgosto
ocê me dava rézao.

Ele - Num sei. Eu num le fiz nada.

Ela - A lua é tom camarada!
Quantas veiz clareô a estrada
do rancho de nhá Thereza
pra ocê dimirá a beleza
das facias do rosto dela?!
Quantas veiz clareô a jinela
do rancho de nhá Maria
onde mecê se insquecia
cunversano oras e ora!...
Si ocê num gósta é agóra
pruçê inhante ocê gostava.

Ela - Entonce conte pra mim
o que le feiz o luá.
Num é que eu quera sabê
pra dispois fazê assunto...
nóis fumo criado junto
déis de piquinho anssim...
eu já le tenho amizade.
Dispois quano a gente tem
uma dô, uma sodade,
que vem nos atrumentá,
fica o pezá mais piqueno
e a gente sófre mais meno
quano tem pra quem contá.

Ele - Tenho reiva, já le disse
e num prigunte pruçê.

Ele - Tarvez que xeje verdade,
que ocê teje coa rézao.
Vô inforca essa sodade
nas corda do violão
e ocê uvino o meu canto
ha de sinti que ele é o planto
que escorre do coração!

Ela - Saia daí, va-se embóra,
dexe de dizê bestera.

Ele - A lua é nuvidadera,
de tudo faiz escarcéo;
é a muié mais faladera
que Deus botô lá no céu!

(Canta)

Ela - Tô inté indimirada
de ocê tá falano anssim

Ele - Já disse: num gósto dela
nem ela gósta de mim.

(Vide fls. 2).

Ela - Puis eu gósto muito dela.

Ele - Que le faça bõ pruveito.

Ela - Virge! Ocê fala dum geito...
parece nem sei o quê

Do Melhor

Ele - Agóra vô le contá,
 agóra vô le dizê
 que num gôsto do luá
 praquê ~~eje~~ me faiz sofrê.
 Eu era um póbre vivente
 que quando via o luá
 ficava todo contente
 e me parava a cantá:

	(Ó luá, ó luá,	(contracanto)	Ó luá, ó luá,
	(Ó luá sonhadô,	"	Ó luá sonhadô,
BIS	(eu pra ti vô contá	"	eu pra ti vô contá
	(que já tenho um amô!	"	que já tenho um amô!

E o luá tão lambanceiro
 foi contá pra toda a gente
 que eu tinha um amô facero
 pur isso tava contente;
 todo o mundo si meteu-se
 todo o mundo amurmurô,
 meu amô si arrependeu-se
 foi-se imbóra e me dexô.

	(Ó luá, ó luá!	(contracanto)	Ó luá, ó luá!
BIS	(Ó luá sonhadô traidô	"	Ó luá traidô
	(Faiz de novo vortá	"	faiz de novo vortá
	(O meu premero amô!	"	O meu premero amô!

	Luá!...	"	Luá!...
	Hum, hum!.....	"	Hum, hum!.....